

ENTRE O SABER E O SABOR - uma lembrança de Rubem Alves

Há doze anos, no dia 19 de julho de 1914, falecia Rubem Alves. Senti muito não estar presente em Campinas, no dia da sua despedida. Quero homenageá-lo como amigo e como mestre, aqui no Correio Popular, jornal com o qual colaborou até o seu último ano de vida.

O encontro com Rubem Alves foi uma das grandes riquezas que tive na minha vida. Em 1976, procurei-o para orientar minha dissertação de mestrado em Ciências Sociais, na PUC de São Paulo. Saí daquele primeiro encontro com muito mais do que um orientador. Ganhei um mestre, um amigo e uma companhia intelectual que me acompanharia por toda a vida. Já tinha lido alguns dos seus livros, mas naquele momento eu ainda não podia imaginar que estava diante de um dos mais originais pensadores brasileiros, cuja obra atravessaria a teologia, a filosofia, a educação, a psicanálise e a literatura.

Na orientação do meu mestrado, nossas relações foram intensas e muito ricas no aprofundamento da sociologia da religião. Após a orientação, nossas conversas se estendiam, conversando principalmente sobre nossas histórias de vida. Falávamos de religião, política, cinema, poesia. Hoje percebo que foi ali que recebi suas maiores lições. Rubem ensinava muito mais do que aquilo que escrevia, ensinava uma forma de olhar o mundo.

Era um orientador extremamente rigoroso, mas nunca autoritário. Aquiles von Zuben, amigo comum, já falecido, definiu-o como um mestre irônico, perspicaz, crítico e profundamente sensível. Concordo plenamente. Rubem ensinava que escrever era um exercício de beleza. Não bastava que um texto estivesse correto; precisava ser vivo, capaz de provocar emoção e pensamento ao mesmo tempo. Essa lição me acompanha até hoje.

Nunca esqueci uma observação que fez ao perceber a secura de um texto meu. Fechou lentamente as páginas da dissertação, olhou para mim e disse: **"Arnaldo, um texto precisa ser saboroso. Saber e sabor têm a mesma origem."** A frase parecia simples, mas continha toda uma concepção de educação

Noutra ocasião, recomendou-me Fernando Pessoa. Citou um verso que nunca mais esqueci: *"Pensar é estar doente dos olhos."* Sorriu e acrescentou: "Eu iria mais longe. Pensar é estar doente do corpo." Explicou que ninguém pensa nos próprios dentes enquanto eles não doem; ninguém se preocupa com os rins até sentir uma pedra. É a dor que nos obriga a pensar. Depois fez uma pausa e completou: "Mas o prazer também ensina. Quando você experimenta um prato delicioso, pede a receita."

Essas imagens diziam mais do que muitos tratados de epistemologia. Rubem tinha o raro dom de transformar conceitos difíceis em experiências simples. Falava de culinária para explicar o conhecimento, de jardins para refletir sobre educação, de pássaros para falar da liberdade. Nunca separava inteligência e sensibilidade

Outra ideia de Rubem marcou profundamente minha maneira de compreender o conhecimento. Recordava que, no Antigo Testamento, a mesma palavra designava conhecer e amar. "Adão conheceu Eva", dizia o texto bíblico. Para ele, havia nessa expressão uma extraordinária lição antropológica: ninguém conhece verdadeiramente aquilo que não ama. Antes de toda pesquisa existe o encantamento. Primeiro vem o enamoramento; depois, a investigação. O conhecimento nasce do desejo de compreender aquilo que nos fascina. Essa percepção mudou definitivamente minha maneira de ensinar e de aprender.

Logo, em nosso primeiro encontro, descobrimos que nossas histórias guardavam surpreendentes semelhanças. Éramos mineiros, separados por apenas quatro anos de idade. Ele nascera em Boa Esperança; eu, em São Sebastião do Paraíso. Ambos iniciamos nossa caminhada pela teologia, ele na Igreja Presbiteriana e eu na Igreja Católica. Vivemos intensamente as décadas de 1950 e 1960, quando as Igrejas, assim como a sociedade brasileira, experimentavam profundas divisões. De um lado estavam os que compreendiam a fé como experiência essencialmente espiritual; de outro, aqueles que acreditavam ser impossível anunciar o Evangelho ignorando a pobreza, a desigualdade e a injustiça social.

Rubem encontrou esse caminho ao lado do teólogo presbiteriano Richard Shaul, cuja influência foi decisiva na formação de uma geração de cristãos comprometidos com a transformação da sociedade. Eu o percorri por outra estrada. O contato com a Juventude Universitária Católica e com os dominicanos, principalmente com Frei Carlos Josafá, levaram-me à mesma convicção: a fé não podia permanecer indiferente ao sofrimento dos mais pobres.

Ambos experimentamos a esperança das grandes transformações sociais do início dos anos 1960 e, pouco depois, a dureza da repressão instaurada pelo golpe militar de 1964. Rubem passou a ser perseguido dentro de sua própria Igreja e acabou deixando o Brasil. Eu fui preso, acusado de ser um "padre comunista", denunciado por um colega e entrei em crise com a Igreja. Talvez tenha sido essa experiência comum que tornou nossas conversas tão francas. Não precisávamos explicar um ao outro o que significava continuar acreditando na dignidade humana quando tantos pareciam ter perdido a esperança.

Estudiosos de sua obra costumam identificar três grandes momentos de seu pensamento. O primeiro pertence ao teólogo comprometido com a renovação da Igreja e com a construção de uma sociedade mais justa. O segundo revela o filósofo

que amplia seu horizonte ao dialogar com a psicologia, a literatura e a cultura. O terceiro apresenta o poeta e o místico, para quem uma crônica, um conto infantil ou um poema poderiam dizer mais sobre a condição humana do que muitos tratados de filosofia.

Costuma-se dizer que Rubem não temia a velhice. Era verdade. O que realmente o inquietava era a morte. Ainda assim, conseguiu falar dela com rara delicadeza. Seu último artigo no *Correio Popular* tratava daquilo que chamou de "liturgia da morte". Não havia desespero nem resignação, mas uma tentativa profundamente humana de reconciliar a finitude com a beleza. Lembrei-me então de outra imagem que tanto o encantava. Guimarães Rosa dizia que as pessoas não morrem; ficam encantadas. Rubem gostava de repetir essa frase porque acreditava que a verdadeira permanência acontece na memória e no afeto daqueles que continuam vivendo.

Carlos Rodrigues Brandão, seu amigo-irmão, também falecido, contou que pouco antes de sua partida levou-lhe um livro que criou com a sua prosa poética versejada como poemas. Não chegou a ver o livro "Um ipê amarelo, uma paineira branca". Encantou-se antes. A história sempre me emociona porque traduz, de maneira singela, aquilo que ele próprio escreveu pouco antes de morrer: **"Escrever é meu jeito de ficar por aqui. Cada texto é uma semente. Depois que eu for, elas ficarão. Quem sabe se transformarão em ipês amarelos."**

Era o poeta e o místico, superando o teólogo e o filósofo.

